

De Minha Janela

Rubem Braga

DE minha janela vejo, na praça General Osório, carros de assalto, canhões e outros petrechos de guerra. Não se trata de uma ocupação militar de Ipanema, bairro de boa paz, habitado por uma burguesia timorata e inofensiva. Embora ainda não tenha lido nada a respeito nos jornais, imagino, como estamos na Semana de Caxias, que se trata de uma iniciativa cordial do Exército, de procurar contato com o povo e associá-lo à sua festa. Um detalhe simpático acentua essa impressão: o território em que estão as barracas e os engenhos de guerra foi cercado por uma corda, mas se deixou de fora a área ocupada pelo play-ground, de maneira a não impedir os brinquedos das crianças.

Não duvido que essa exposição desperte curiosidade: eu mesmo andei mirando, com interesse, aquelas máquinas, já bem diferentes das que conheci em 1944, na campanha da Itália. O povo gosta de ver desfile de tropas e conhecer engenhos de guerra, êsses brinquedos funestos, mas fascinantes, de gente grande.

Se algum agente do general Golbery andou escutando os comentários feitos nos cafés, nas barbearias, nas lojas e junto às bancas de jornais das imediações, talvez ele tenha se espantado. Os que ouvi eram de ironia e desprezo — alguns engraçados, outros irritados. A maioria refletia, não digo uma hostilidade aberta, mas uma certa prevenção contra o Exército. Não propriamente contra os militares ali presentes, pois os jovens de uniforme do Recmec ou de pára-quedistas facilmente confraternizavam com os populares, e, principalmente com as babás... A desconfiança, a ironia, a irritação, eram em relação ao próprio Exército, à instituição, aos «milicos» em geral.

Ora, não é difícil imaginar que muitos daqueles que hoje se mostram agastados com o Exército estavam entre os que viram com satisfação e alívio, em abril de 1934, a derrubada do governo pelos militares. Em muitas dessas pessoas — o leitor, como eu, conhecerá várias — o sentimento de gratidão pelo gesto dos generais apagou-se e foi substituído por um misto de revolta e de desânimo, de decepção e de ironia, de irritação e de impotência.

Haverá, certamente, coisas positivas na obra dessa chamada Revolução; mas seus abusos, seus erros, seu desprezo pela opinião pública lhe criaram uma impopularidade inegável. Essa impopularidade afeta principalmente o Exército — a um tal ponto que, mesmo os generais que se voltam contra a situação, não conseguem aliciar nenhuma simpatia popular. A ocupação, pelos militares, de um sem-número de cargos públicos, e também de cargos bem remunerados de empresas privadas, ansiosas de estar bem com a situação, não contribui em nada para melhorar esse ambiente. Há quem já denuncie elementos de uma «nova classe» entre o oficialato, muito diferente daquela imagem de austeridade e nacionalismo que se costumava fazer de nossos homens de farda. A corrupção natural do poder trabalha nesse sentido.

Estou certo de que muitos homens do Exército — aqueles oficiais da tropa, patriotas sinceros, cumpridores de seus deveres, e respeitadores das leis — me entendem quando escrevo essas coisas. São coisas tristes, porque o dilema parece ser: este marechal ou aquele marechal. Quando se restituirá ao povo o direito de escolher, de verdade, seu governo? Sem isso, falar em democracia é irrisão — ou, como diz o vulgo, parece de boche.

23. 8. 66